

## Psiqué e Yerma: Oposições da *psique* feminina

TATIANE GALDINO DA SILVA<sup>1</sup>

Dr.<sup>a</sup>. IRLEY MACHADO<sup>2</sup>

### Resumo:

O Objetivo deste artigo é analisar comparativamente as personagens Psiqué, do mito grego *Eros e Psiqué*, e Yerma, da obra *Yerma* de Federico Garcia Lorca. Apesar de ambas as personagens serem construções literárias distintas, uma pertencente aos Clássicos da Grécia Antiga e a outra, à Dramaturgia Poética de Garcia Lorca; justificam-se essas escolhas, devido à observação das semelhanças presentes no contexto trágico em que foram concebidas, já que se trata de mulheres passionais dotadas de forças e desejos avassaladores, marcadas pela religiosidade, pela submissão ao masculino, pelo confinamento físico e pela castração erótica. Justifica-se, sobretudo, pela verificação das diferenças de comportamento, que elas demonstram durante suas trajetórias e finalmente, pelos desfechos opostos que experimentam. Constata-se que seus desenlaces são resultantes diretos da maneira na qual lidam consigo mesmas, ou seja, com suas feminilidades representadas pela *Deusa do Amor*: Afrodite, divindade que carrega em si os princípios vitais que regem a existência da mulher. Assim, o que determina a queda ou ascensão dessas figuras é a forma na qual aceitam ou negam as pulsões que se apossam de seus corpos e de suas almas. Psiqué e Yerma são construções de extrema riqueza que atraem e propiciam a discussão dos complexos elementos pertencentes ao imaginário erótico feminino.

**Palavras chave:** feminino, pulsão, aceitação, negação, ascensão, queda.

---

<sup>1</sup>Instituto de Letras e Lingüística. Universidade Federal de Uberlândia Av. João Naves de Ávila, nº2160, B. Santa Mônica, Uberlândia, MG. E-mail: tatia.ne@hotmail.com

<sup>2</sup>Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia E-mail: irley\_machado@yahoo.com.br

**Resumé:**

Le but de cette article est d'analyser de façon comparative les personnages Psiqué du mythe grec *Eros et Psiqué* e Yerma de l'oeuvre *Yerma* de Federico García Lorca. La raison du choix du thème a été l'observation des similitudes trouvées dans l'aspect tragique dans lequel les personnages ont été conçus. Cependant on a vérifié que ce sont leurs différences de comportement qui ont déterminé le parcours qui les amène dans des directions opposées. Leurs dénouements sont une conséquence direct de la façon avec laquelle les personnages voient le Sacré symbolisé par la *Deesse de l'Amour*, Afrodite. La déesse en tant que représentation du féminin porte en elle les principes vitaux qui dirigent l'existence de la femme. Ce sont des personnages dotés d'une force corrosive, passionnelle, obsédés par des désirs qui ne pourront jamais être arrêtés. L'aspect qui va déterminer leur chute ou leur ascension sera la façon par laquelle elles conduiront les forces qui possèdent leurs corps et âmes. Psiqué et Yerma sont des personnages extrêmement riches qui attirent et harmonisent un débat sur les éléments complexes qui appartiennent à l'imaginaire féminin.

**Palavras chave:** féminin, pulsion, acceptation, négation, ascension, chute.

## Introdução:

O presente trabalho inicialmente intitulado “Uma Leitura do mito Eros e Psiqué, associado aos elementos encontrados em Yerma” foi motivado pela disciplina “Literatura Dramática I” realizada no Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia e ministrada pela professora Irley Machado. A disciplina aborda fundamentalmente a literatura grega congregando os mitos que alicerçam a escrita dos grandes trágicos da Grécia Antiga.

Paralelamente à disciplina, iniciou-se uma nova etapa das reuniões do Grupo de Pesquisa “A Dramaturgia Poética de García Lorca” coordenado pela referida professora. Foram durante esses encontros que iniciamos os estudos de Yerma- personagem lorquiana- e assim, a ideia de compará-la à Psiqué, do mito grego “Eros e Psiqué”, já que durante nossas leituras, foi possível perceber que no início de ambas as narrativas, há bastantes semelhanças entre esses símbolos femininos, e principalmente, por ter-se notado que apesar dessas proximidades, elas contemplaram desenlaces opostos.

Psiqué vive a clausura e a proibição de conhecer a verdadeira face do esposo, seu *monstro-amante* com o qual ela compartilha de um paraíso de prazer. Mas, não suportando essas limitações, ela desobedece ao marido e é abandonada por ele. Desesperada, rende-se à Afrodite, que lhe impõe uma longa trajetória de percalços, que consiste na realização de quatro árduas tarefas, sendo que a última, caracterizada pela sua descida às trevas, ao mundo avernal dominado por Perséfone e Hades, ou seja, Psiqué está novamente no domínio do desconhecido e com ele, travará a mais cruel de todas as batalhas já enfrentadas, a luta contra si mesma. Porém, é a aceitação dessas condições que lhe permitirá alcançar sua individuação feminina, para enfim, encontrar-se definitivamente com Eros.

Yerma, no entanto, segue uma trajetória oposta a de Psiqué, pois, criada nos domínios do Catolicismo e do Patriarcado, e fiel a essas doutrinas, ela concede ao sexo a função exclusiva da procriação. Dessa forma, mesmo estando também enclausurada, sua prisão é mais psicológica que física, já que ela se nega a buscar uma relação satisfatória com o

esposo. Yerma evoca sua infelicidade ao crer que poderia compensar as pulsões da feminilidade na maternidade. Ela se despreza e se torna obsecada pelo desejo de ser mãe. Rejeita os princípios vitais de Eros, incorre numa falha contra o Divino e instaura seu conflito trágico.

Dominada por energias incontidas, Yerma é possuída por uma dor lancinante e ódio que a tornam cega. Perde o controle sobre si, e atingida por um estado de loucura após passar por um longo período de privações e sofrimentos, como se verá durante a apresentação das narrativas, ela se aniquila.

A condição do feminino neste estudo nos leva a empreender uma análise mais detida acerca do comportamento dessas personagens tomadas por dores, paixões, ansiedades e torturas que permeiam suas trajetórias.

A intenção não é realizar uma análise psicanalítica de Yerma ou de Psiqué, a proposta é observar os comportamentos que elas assumem com suas feminilidades, e também as relações que estabelecem com o *Sagrado*, enquanto princípio vital que as dominam. Nosso estudo foi direcionado e fundamentado, sempre, de acordo com a perspectiva de pesquisadores diversos, que exploraram mito e tragédia grega, a sexualidade da mulher, e tudo o que envolve o rico,

simbólico e complexo universo da feminilidade.

### **Resultados e discussão:**

O mito de Eros e Psiqué é de origem grega, mas chegou até nós inserido no romance *Metamorfoses*, também conhecido como *O Asno de Ouro*, do escritor latino Lúcio Apuleio. Conta-se que: “Apuleio pensava em grego e escrevia em latim. Em seus livros, o autor intercalou várias histórias entre elas, a de maior extensão é a de *Eros e Psiqué*, ocupando nada menos que o fim do livro IV e os livros V e VI da obra.

De acordo com J. Brandão:

Eros é o amor personificado. Em grego é “desejar ardentemente”. Em indo-europeu tem-se o elemento “comprazer-se, deleitar-se”; em sânscrito é “ter prazer em estar num lugar.” “Psiqué é igualmente a alma personificada. Em grego ‘soprar, respirar’, significa tanto ‘sopro’ quanto ‘princípio vital’.  
(BRANDÃO, 1987, p.209).

Essas significações são úteis para a compreensão da importância e ações desses personagens.

A história conta que em certa cidade havia um rei e uma rainha que tinham três filhas lindíssimas. Psiqué, a

caçula, era uma princesa dotada de uma beleza extraordinária, conforme expõe Erich Neumann: “Não havia linguagem humana que pudesse descrever ou pintar a primorosa e majestosa formosura da filha caçula.” (NEUMANN, 1971, p.11).

Detentora de arrebatadora formosura, ela passa a ser cultuada e adorada na terra como uma *nova Afrodite*. Assim, os templos da *Grande Mãe* do Amor e da Beleza são esquecidos e abandonados, já que, suas honras e louvores são oferecidos à Psiqué.

O rei percebendo que, embora a filha possuísse esse excepcional atributo, não atraía um único marido, temeroso da cólera de Afrodite, pelo fato da jovem receber homenagens devidas apenas aos deuses, decide procurar o *Oráculo de Apolo* em Mileto para pedir orientação à divindade e um casamento à princesa. A resposta do deus mântico foi clara:

Leva, ó rei, tua filha para o rochedo  
mais alto do monte,  
E a expõe suntuosamente ataviada  
para as núpcias mortais,  
Não esperes para genro um homem  
de estirpe mortal,  
Mas um monstro cruel e feroz,  
cercado por cobras;  
Ele voa pelos ares e, viperino, não  
poupa ninguém.  
Destrói tudo, pois sabe como fazê-lo,  
com ferro e fogo,

Faz tremer o próprio Júpiter e  
aterroriza os imortais,

Pois também eles estremeçam de  
horror diante das trevas do Estige.  
(NEUMANN, 1971, p.14)

Após ouvir o prognóstico, o rei e todo o séquito real, obedientes às leis dos deuses, aceitam o castigo imposto e a princesa é preparada para as fatídicas núpcias.

Os pais, inconformados com a desgraça da filha, hesitam em executar a tarefa, mas, ela própria aceita seu papel feminino, abrindo-se aos mistérios do divino e diz:

Por que amargurais vossa velhice  
chorando sem parar? (...) Por que  
descabelais os cabelos grisalhos?  
Essas são as luminosas recompensas  
pela minha inusitada beleza. (...) Quando  
nações e povos me tributaram honras  
divinas, e a uma só voz me consagraram  
como a nova Vênus, então deveríeis ter  
padecido, chorado e me lamentado como  
morta. Já sei que ficarei totalmente só,  
por terem me confundido com a deusa.  
Mas levai-me logo para o alto do rochedo  
como foi prognosticado. Tenho pressa,  
estou ansiosa para consumir logo essa  
infeliz união, (...). Por que deveria  
mantê-lo à distância, por que fugir da  
sua presença? Por que evitar aquele que

nasceu para destruir o mundo?  
(NEUMANN, 1971, p.15)

Enquanto isso, no Monte Olimpo, irada por estar sendo preterida por uma simples mortal, a *Grande Mãe*, alma do mundo, chama seu filho Eros, o menino alado, portador das flechas provocadoras do amor ardente, o jovem desregrado que estimulava escândalos e devassidões. Afrodite leva-o à cidade onde vivia Psiqué e dá-lhe a seguinte ordem: “Faça com que ela se apaixone perdidamente pelo mais horrendo dos monstros”.

Eros ao deparar-se com a moça fere-se com suas próprias flechas; apaixonando-se. Então ele pede a seu fiel amigo, o vento Zéfiro, que a conduza ao seu palácio divino sobre os altos de um penhasco, no sopé de uma montanha.

Deslumbrada diante da beleza e dos tesouros daquele lugar, Psiqué sente-se num paraíso onde é servida por *Vozes* (divindades invisíveis), que lhe atendem mesmo os desejos ainda não formulados e pedem que a princesa não se espante, pois tudo aquilo lhe pertence.

Completamente só, temendo o desconhecido e estremecendo de pavor, ela foi desposada pelo deus naquela mesma noite. Tornada esposa, mulher.

Eros, porém, não querendo ser visto, abandona-a misteriosamente antes do nascer do sol.

Todas as noites tal fato se repete e a donzela passa a viver com deleite a situação imposta.

A respeito desse momento em que a princesa aceita seu destino, e é conduzida à morada de Eros, é válido fazer um breve comentário, pois ele fornece um dado significativo acerca do comportamento de Psiqué para sua iniciação feminina.

A condução a esse ambiente isolado e paradisíaco, e a plena entrega de Psiqué a um marido, cujas características são a crueldade e o pavor que provoca, podem ser entendidas como as fases iniciais de uma *psique* ainda inconsciente de sua feminilidade e, sem possibilidade de escolha, ela se entrega ao seu destino. No entanto, o enlace que deveria se traduzir em morbidez traduz-se em deleite e prazer. Paula Boechat faz a definição desse momento:

Esta chegada de Psiqué ao palácio de Eros representa a primeira descida ao inconsciente (...). Em geral acontece na análise, de termos nessa fase inicial um vislumbre de felicidade, que infelizmente vamos perceber logo depois, ainda não foi devidamente conquistada. Logo esta felicidade vai desaparecer e vamos ter que penar e sofrer muito para

reconquistá-la. No entanto, é importante percebê-la e usufruí-la para que depois seja mais fácil nos convenceremos que devemos sofrer para buscá-la (...) (BOECHAT, 1995, p.103)

A princesa prisioneira de um *Amante invisível*, durante o dia vive na solidão, mas, à noite, quando o marido compartilha de seu leito, goza de um êxtase paradisíaco, pois, se rende inteiramente a luxúria com aquele que deveria ser considerado abominável.

Deleitando-se no paraíso de prazer não percebe sua auto-anulação. O amante fazia-lhe um único apelo: ela não poderia contemplar-lhe a face. Assim, para ela, e sua fantasia juvenil, esse alguém que compartilhava seu tálamo, poderia ser monstro, animal ou demônio, já que, segundo o oráculo, seu esposo não seria de estirpe mortal. Sua beleza, responsável pelas homenagens recebidas, tinha se constituído numa afronta à deusa Afrodite, causa de sua punição. Essa era a função do temível monstro: Eros, o *Amor*. Segundo Irley Machado:

Para Platão, Eros é um demônio, intermediário entre os deuses e o homem e, como o deus do amor torna-se o elo que une o todo a si mesmo. Segundo o filósofo, Eros foi concebido por Poros e Penía, no banquete em que se celebrava o

nascimento de Afrodite. Tendo recebido a característica parental dupla, pobre e longe de ser delicado e belo, é duro, seco, vive descalço e sem morada. No entanto, enquanto filho da pobreza, sabe “articular” para atingir seu objetivo. Longe de ser um deus todo poderoso, Eros é muito mais uma energia, perpetuamente insatisfeita, em busca da plenitude. (MACHADO, 2008, p.02).

De acordo com J.Brandão em seu *Elogio à Helena*, para o sofista Górgias:

*Eros* é um ser indômito por natureza, cruel, perverso, temível, um tirano dotado de *enérgeia*, uma energia singular, um poder de *êxtase* e de *entusiasmo*, um déspota capaz de provocar a sístole e a diástole das paixões, que encanta, embriaga, arrebatada e escraviza. (BRANDÃO, 1989, p.109)

Essa definição de Eros, dotado de *energuéia* é fundamental para a compreensão de sua união com Psiqué.

Retornando às núpcias do casal, todas as noites ela se entregava ao amante e, quando conversavam, ele a repreendia carinhosamente lembrando-lhe que jamais deveria tentar contemplar sua face. Advertia-a sobre o perigo que vinha de longe: as irmãs de Psiqué, que constantemente se prostravam ao sopé da

montanha para chorarem pela caçula.  
Assim pedia incansavelmente à esposa:

- Não vês o perigo que te espreita de longe? (...) As lobas pérfidas se esforçam por armar-te uma cilada, cuja pior armadilha é persuadir-te a contemplar o meu rosto. Já te adverti inúmeras vezes de que nunca mais o verás se o contemplares uma única vez. Portanto, quando essas bruxas vierem com suas almas desejosas de vingança – e sei que virão -, não converses com elas (...). Pois dentro em breve teremos um filho. Embora ainda sejas uma menina, darás à luz uma criança. Se guardares nosso segredo, Ela será um deus, mas se o profanares será tão somente um mero mortal. (NEUMANN, 1971, p.21)

Psiqué, iluminada pela idéia da maternidade, delirava:

(...) bateu palmas de contentamento de alegria e regozijou-se com a dignidade de ser mãe. Amedrontada, contava os dias e as luas novas que se escoavam rápidas e admirava-se com o fato de o princípio de uma vida poder crescer inconsciente em seu ventre arredondado, a partir de um minúsculo ponto. (NEUMANN, 1971, p.122)

Porém, embora orgulhosa com a possibilidade de dar à luz um ser divino,

sofria a solidão e a ignorância de desconhecer o amante, e a ausência das irmãs que viviam a chorar por ela.

Assim, começa a implorar ao esposo que as deixasse visitá-la. O deus inicialmente rejeita seus pedidos, alegando que as irmãs eram pérfidas e invejosas, mas, embriagado pela ternura e carinho da amada, ele não resiste e finalmente cede, ordenando que Zéfiro as conduza ao palácio.

As irmãs ao se encontrarem em tão deslumbrante morada, invejosas e ciumentas enchem Psiqué de perguntas, questionam sobre sua vida, o esposo, aquele lugar... Corroídas de inveja pela irmã caçula que, além de rivalizar em beleza com Afrodite, ainda parece estar casada com um ser divino.

Para essas mulheres, isso é inaceitável, tendo em vista o quanto são infelizes, já que, suportam casamentos que lhes representam a escravidão. Malcasadas e insatisfeitas, ao invés de esposas, são serviçais de seus maridos. Uma vive com um homem mais velho que seu pai, e outra com um que está à beira da morte, sendo ela sua enfermeira.

Mergulhadas na insatisfação, as irmãs de Psiqué não se realizam como mulheres. Por isso, fariam qualquer coisa para destruir a felicidade da irmã caçula. Então, tecem um discurso ardiloso,



permeado de falsas preocupações, mentiras e lágrimas de fingimento, estimulando Psiqué a tentar descobrir a face de seu marido.

Dessa forma, convencem-na de que o marido que partilha de seu tálamo poderia ser um monstro pavoroso, uma serpente peçonhenta de boca larga como um abismo que, só aguardava a criança, que ela carregava em seu ventre, engordar um pouco mais, para impiedosamente devorar-lhes. Elas inventam ainda, que camponeses da região sempre o viam à noitinha atravessando o rio em direção ao palácio.

A princesa ingênua, transtornada com essas palavras, esquece-se da promessa feita ao amante e das advertências do mesmo, acredita nas irmãs que sugeriram que ela esperasse o marido dormir, e em seguida, matasse-o.

Então, quando chega a noite, durante o sono de Eros, a jovem munida de uma lâmpada e de um punhal aproxima-se dele e,

(...) eis que se revela o grande segredo: ela avista a mais bela e delicada de todas as feras, Eros, o deus do amor, ali deitado, o mais belo dos deuses. Até a chama do candeeiro estremeceu, derramando mais luz diante dessa visão, e o punhal arrependeu-se de ter uma ponta tão

aguçada. Psiqué com a alma aniquilada, pálida, trêmula, cai de joelhos e procura empurrar o punhal no próprio seio (...). Ela viu o cabelo brilhante e farto da cabeça dourada que recendia a ambrosia, viu os ombros brancos como leite, as faces rosadas emolduradas pelos cachos de cabelo, as asas brancas como a neve, as costas rosadas do deus alado... Vênus nunca precisaria arrepender-se de ter dado à luz um corpo tão macio e brilhante. (NEUMANN, 1971, p.27)

Diante dessa visão iluminada, surpresa e extasiada com a esplendorosa beleza, ela inclina-se sobre a face divina e com lascívia começa a beijá-la. Desesperada, fere-se em uma das flechas do deus alado, deixando pingar óleo quente em uma de suas asas. Eros acorda e ao ver-se traído por Psiqué, sabe que a partir desse momento, a jovem deverá assumir sozinha o seu destino.

Com a consciência da traição, latejando de uma dor intensa sempre provocada, mas nunca sofrida, dirige-se à amada:

Quantas vezes não a admoestei acerca do perigo iminente, quantas vezes não te repreendi delicadamente. Tuas ilustres conselheiras serão castigadas em breve, por suas pérfidas lições; quanto a ti, teu

castigo será minha ausência.  
(NEUMANN, 1971, p.214)

Psiqué traiu o *Amor*, por isso ele a abandonou. Porém, ela não está liberta, seu abandono se deu apenas no nível físico, porque em um nível mais profundo ela está ligada eternamente ao *Amor*. É preciso lembrar que antes de partir, Eros despertou como força anímica, indispensável à vida de Psiqué, assim como ela também se tornara indispensável a ele, já que a partir de agora só poderão assumir suas existências completas, ao se conjugarem. *Alma* e *Amor* apossaram-se um do outro, dessa forma passam a representar forças inúteis se isoladas. Psiqué já experimentara essa força profunda quando nos braços do amante ela sussurra: “*Alma* da minha vida, vida da tua *Psiqué*.” (p.18). J. Brandão esclarece:

Em nível ainda mais profundo, é preciso compreender que Eros desaparece, porque Psiqué, com seu candeeiro, não pôde reconhecer nele o que ele era realmente.

Subseqüentemente, fica evidenciado que Eros lhe revelou sua verdadeira identidade gradualmente, no curso do próprio desenvolvimento da amante. Sua manifestação depende dela: Eros é transformado por e através de Psiqué. (BRANDÃO, 1987, p.242)

Quando se afirma que Eros está ferido em, e pela sua essência, queremos dizer que ele foi queimado por ele mesmo, foi contaminado pela própria energia. Quanto ao óleo quente que o tocou, este, apenas intermediou a queimadura, somente provocou a faísca do fogo incendeia.

Trata-se nessa passagem de um fogo íntimo, aquele que faz resplandecer o amor, em seu aspecto mais ardente e cruel que agora domina o casal de apaixonados, pois, Psiqué também sente neste momento a dor mais abrasiva que poderia lhe acometer, ao perder sua outra metade. Gaston Bachelard em sua *Psicanálise do Fogo* afirma: “o amor não é senão um fogo a transmitir. O fogo não é senão um amor a surpreender.” (BACHELARD, 1999, p.38)

Em relação às irmãs da heroína, essas pagaram as maldades que cometeram provando de seus próprios venenos. Psiqué enraivecida vinga-se. Ao procurá-las conta-lhes que Eros a havia abandonado porque estava agora apaixonado por elas e as esperava em sua morada. Acreditando nas palavras de Psiqué, as irmãs vão até o sopé da montanha e jogam-se esperando que Zéfiro as conduza ao deus, mas diferentemente do que acontecia, o vento as rejeitou e seus corpos se despedaçaram nas pontas das rochas.

No entanto, elas não devem ser as únicas responsáveis pela ação de Psiqué.

Apenas a estimularam, talvez tenham simplesmente acelerado o desenrolar da iniciação feminina da heroína. Na realidade a princesa não suportaria por muito tempo continuar alheia à face de Eros, mesmo que dissesse o contrário, porque o que ela vivenciava junto ao amante, a sua plena entrega a um ser desconhecido fisicamente, já se configurava como algo inaceitável. Uma batalha interna era travada em seu inconsciente, a oposição do monstro-amante incomodava-lhe. As irmãs não trazem nada de novo, apenas instigam algo latente na jovem esposa. Elas facilitam o processo e a trajetória de Psiqué.

Psiqué está abandonada, ferida e deseja a morte. Para o mito grego a morte não é necessariamente um castigo, muitas vezes pode representar uma ascensão. À heroína não é concedido o direito de morrer, pois seu conflito trágico já fora instaurado. Agora ela precisa completar seu *factum* (destino) e precisa entregar-se à Afrodite, assumir as conseqüências de seus atos. Inicia-se então a trajetória de dores e descobertas de uma nova Psiqué. Inicia-se o processo de busca da individuação, segundo J. Brandão: “A busca da individuação que sempre dói muito, porque é um parto e um pacto extremamente difíceis”. (BRANDÃO, 1987, p.229)

Enfim, é a *psique* feminina que começa a descobrir e servir-se de seus atributos para alcançar o verdadeiro *Amor*, realizar-se como mulher e em seguida como mãe. De acordo com Neumann:

Trata-se do despertar de Psiqué como *psiqué*, ou seja, como essência psíquica. Um momento decisivo do destino na vida do feminino, em que pela primeira vez, emerge do seu inconsciente a mulher (...) e num encontro individual com o masculino, se entrega e ama (...) (NEUMANN, 1971, p. 64).

Para isso, busca ajuda das deusas *Hera e Deméter*, que a enviam a procura de Afrodite. A deusa tomada por ódio mortal, a condena à realização de quatro árduas tarefas. É nesse momento de procura e entrega à Afrodite, que se inaugura o processo de iniciação feminina da heroína mítica. Como toda iniciação uma trajetória marcada de sofrimentos, dores, descobertas e conquistas.

A respeito das tarefas que lhe foram impostas por Afrodite, verifica-se que ela consegue realizar duas delas valendo-se da ajuda que recebe do elemento masculino. A cooperação desse elemento dá-se através das forças presentes em seu inconsciente, seu *animus*, o lado masculino pertencente a toda mulher e que deve ser ativado quando necessário. Caso não se beneficiasse dessa

ajuda, não haveria a efetivação desses trabalhos impossíveis a ela porque: é o *animus* que faz a mulher ultrapassar tais planos, e fornece energia para realizá-los, conforme Eugene Monick na obra, *Falo: A Sagrada Imagem do Masculino*:

(...) quando o *animus* se manifesta ele é fálico sem dúvida alguma. Se a feminilidade da mulher tiver raízes sólidas, ele não a masculiniza. (MONICK, 1993, p.160)

Esse fato é de extrema relevância para a ascensão da figura feminina, pois aqui ela demonstra além de independência, uma extrema sensibilidade, pois sabe identificar e utilizar a seu favor, aquilo que o masculino tem de útil à alma feminina, percepção digna somente de: “(...) um coração intrépido e uma prudência além da prudência característica da mulher.” (BRANDÃO, 1987, p.242).

Com essa ação Psiqué desafia Afrodite. A deusa, jamais imaginaria que uma mortal, uma *lama da terra*, assim a deusa as denominavam, pudesse ser capaz de compreender a utilidade dos dons inatos ao homem e ainda explorá-los, sem jamais ofuscar sua feminilidade. Aliás, diga-se de passagem, que quanto mais a heroína enfrentava as provas que lhe foram destinadas, e avançava em seu percurso, ela adquiria maturidade e comprovava o

quanto suas raízes femininas eram sólidas. Comprovação que se torna ainda mais odiosa e inaceitável para a *Grande Mãe*, em se tratando de sua rival em *Amor e beleza*,

Eis por que, a cada tarefa cumprida, a amante de Eros sobe um degrau da escada que a levará paulatinamente a transformar-se, transformando o amante. (BRANDÃO, 1987, p.241).

A cada tarefa ela evolui, amadurece, torna-se verdadeiramente mulher ciente de suas forças, de seus sentimentos e assim, prepara-se para receber o marido.

Se em duas tarefas, ela se vale das forças inerentes ao masculino, a última, simboliza então, a forma de assumir sua feminilidade, tornando-se uma mulher que atua, e age para sua própria realização.

A última das tarefas consiste em sua *catábese*, a descida da heroína ao mundo avernal, à morada dos mortos, “onde ela lutará com a própria morte em seu habitat”. (p.246) Trata-se de um episódio carregado de simbolismo riquíssimo e muito amplo que merece ser trabalhado futuramente. Por isso, tentaremos nos ater somente às questões que se referem às descobertas e ações decisivas para a ascensão da feminilidade de Psiqué.

Sua descida ao mundo das trevas, cheio de armadilhas, é uma tarefa cuja representação é decisiva para o universo feminino: artimanha da mãe de Eros que deseja punir definitivamente a jovem. Psiqué deve ir ao inferno, receber das mãos da senhora do Hades uma caixinha contendo o pó da beleza imortal, jamais abri-la, e retornar levando-a até Afrodite.

Para isso, ela precisa enfrentar provas extremamente difíceis. Nesse momento é contra os atributos femininos que lutará. Primeiramente, deverá lutar contra a compaixão, característica comum às mulheres. Ela deve negar ajuda ao burriqueiro coxo que lhe pedirá que pegue um graveto caído no chão; ao cadáver, que erguendo a mão podre, pedirá a ela que o ajude a entrar na barca de Caronte; e ainda, deve rejeitar sob todas as hipóteses as ofertas de Perséfone. Passadas essas provações, ela deverá, munida do pó mágico, retornar ao mundo intermediário.

A jovem consegue com muita dificuldade e sofrimento vencer essas etapas, no entanto, quando de posse do objeto desejado por Afrodite, ela trava uma batalha contra si mesma, ou seja, contra sua feminilidade que embora, pareça sua oponente, é a sua plenitude. Porque, em meio a esse conflito, sabendo que precisa reconquistar seu grande *Amor*, e com a beleza imortal em suas mãos, ela é

seduzida pela vaidade, tema principal da disputa que se deu entre Psiqué e Afrodite, já que é a beleza da jovem que desencadeia a ira da deusa, e não resistindo, abre a caixinha e cai em sono profundo.

Eros lá do alto do Monte Olimpo, ao ver a amada entregue às trevas, resgata-a e leva-a ao mundo da consciência. Uma consciência completa, porque agora Psiqué está realmente consciente daquilo que é, e deseja. Ela emerge da escuridão para conhecer e assumir seu destino. O que ela experimenta é a descoberta e aceitação de sua sexualidade e feminilidade. É o retorno em si para a concretização de suas necessidades e desejos.

Eros e Psiqué casam-se sob o respaldo dos deuses e das leis que regem o Olimpo, e dentro de pouco tempo tornam-se pais de *Volúpia*, ou simplesmente prazer, pois é este o resultado do encontro satisfatório da *Alma* e do *Amor*.

Após essa apresentação de Psiqué e para que possamos comprovar suas diferenças em relação à *Yerma*, passaremos agora à análise dessa personagem lorquiana.

A obra *Yerma* de Federico Garcia Lorca, escrita em 1934, é marcada por uma sensível e profunda percepção da alma feminina; de seus desejos, dores e paixões, sentimentos perturbadores que podem conduzi-la à dramas que muitas vezes

resultam em fatalidades. Na construção da personagem, é possível observar a sensibilidade do autor ao criar uma mulher que carrega em si um erotismo velado, reprimido, porém, nutrido por uma força arrebatadora, traduzido no desejo obsessante de ser mãe.

Alternando com singularidade prosa e poesia, Lorca consegue atrair o leitor para um universo trágico impregnado de sensualidade, angústia, autoritarismo e castração. Nesse ambiente o poeta insere Yerma e com sensibilidade rara, nos conduz à compreensão de um feminino que se submete, se anula, mas que, tomado de dor, não consegue calar a carne que grita, geme e anseia pelo gozo negado, e por isso, fatalmente se dilacera.

Além de demonstrar raro entendimento dos aspectos íntimos que permeiam a existência de uma mulher, o poeta tinha consciência dos imensos preconceitos que a relegavam a uma posição social inferior, limitada e submissa ao poder ditatorial masculino predominante em uma Espanha que já pressentia a deflagração da Guerra Civil Espanhola.

Um país em crise, estruturado por bases patriarcais que preservavam um autoritarismo defendido e sustentado principalmente pela religião, já que, conforme é sabido, a Igreja Católica

exercia forte domínio naquele país e, respaldada no Catolicismo exacerbado, essa instituição ditava regras à moral e ao comportamento das mulheres. Essas regras aliavam-se ainda, à tradição islâmica propagada pelas invasões mulçumanas na Península Ibérica. O islamismo, portador de ideais excessivamente machistas, afirmava que o comportamento feminino concedia honra ou desonra ao homem, o que lhe dava o poder não apenas sobre o corpo da mulher, mas também sobre o conjunto de seus atos ou gestos.

Acerca da relação feminina com o catolicismo, Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo* fala que:

(...) quando a sexualidade feminina se desenvolve, vê-se antes tomada pelo sentimento religioso que a mulher votou ao homem desde a infância (...). Segundo ela: A religião católica exerce sobre a mulher a mais perturbadora das influências. Maria Madalena prostrava-se aos pés de Cristo e com seus longos cabelos enxuga-lhe os pés. As santas declaravam de joelhos seu amor a Cristo. (BEAUVOIR, 1949, p.37-38)

Criada no campo, preparada para a vida doméstica, e educada sob o domínio do patriarcado, ela foi entregue a um marido que não representava sua escolha pessoal.

João, um próspero pastor, ao receber a esposa, confirma e defende como necessária a sujeição feminina e assume uma postura dominadora e possessiva, proibindo-a de sair de casa ou conversar com pessoas na rua. Na tentativa de assegurar amplamente o controle sobre a mulher, principalmente nos momentos em que se ausenta para trabalhar, ele traz para dentro de casa suas irmãs que vigiarão Yerma, sob a argumentação de que: “assim como as ovelhas devem permanecer nos currais, as mulheres devem permanecer em suas casas” (LORCA, 2000, p. 51).

Yerma deve ser dócil, fiel, submissa, discreta e confinada. Assim ela se comporta e assume seu casamento como uma destinação para um fim, o de ser mãe. Quanto ao sexo, este é somente o meio necessário para a consolidação desse fim. Sexo para essa mulher é sinônimo de procriação.

Posicionando-se dessa maneira, ela demonstra não apenas obediência aos preceitos do masculino, mas também, que os defende. De acordo com essas ordens, casamento, mulher e sexo tinham suas funções e lugares bem definidos, conforme acentua Michel Foucault:

A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada (...). A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade

da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. (FOUCAULT, 1988, p.09)

Sob o jugo dessas ordens, a fêmea é vista no aspecto sexual somente como a depositária da semente masculina porque, conforme explica Richard Lewinsohn, médico e membro da Sociedade de Ciências Sexológicas de Viena:

(...) a mulher não fornecia nada mais do que o terreno para o fruto, que provinha exclusivamente do esperma do homem. (...) O homem era capaz de gerar sozinho os filhos, e a mulher somente de carregá-los; a isto se limitava seu papel. (LEWINSOHN, p.212).

A idéia da fêmea-vaso, útero, sem outra função que a de guardar a semente, faz parte do período neolítico da humanidade. Encontra-se nas obras clássicas, como em *Ésquilo*, digno representante de um momento de transformação do pensamento filosófico e político da antiguidade, a exposição da condição de inutilidade e desprezo à qual a mulher era relegada. Em sua trilogia, *Oréstia*, o autor deixa claro sua posição sobre o feminino, no momento em que concede voz à divindade mítica, Apolo, quando este, deve responder ao Corifeu das *Eríneas*, defensoras do sangue materno:

Vou te responder e verás se não tenho razão.

Não é a mãe quem gera aquele que é chamado seu filho: ela apenas alimenta o germe semeado.

Gera quem semeia. Ela, como uma estranha, salvaguarda o rebento, se um deus não vem a prejudicá-lo.

Dar-te-ei uma prova de que pode haver pai sem mãe.

Aqui temos, perto de nós, a esse respeito, uma testemunha: a filha de Zeus Olímpico, a qual não foi formada num regaço materno.

Deusa alguma seria capaz de gerar tal filha. (ÉSQUILO, 1991, p.172-173)

Portanto, a partir desse enfoque sócio-religioso opressor ao qual o elemento feminino estava vinculado, é evidente que a mulher jamais seria concebida como ser capaz de desejar e gozar o prazer que uma união sexual satisfatória poderia proporcionar-lhe.

Porém, mesmo não fazendo divergências às ordens do esposo e compartilhando da idéia de que a honra deste, dependia diretamente de sua conduta, ela começava a sentir-se sufocada num ambiente opressivo e num matrimônio que a aprisionava e não a satisfazia como mulher.

O marido percebia a profunda amargura da esposa, mas mostrava-se incapaz de entender as razões de sua insatisfação e a ignorava, argumentando

friamente que a ela nada faltava, já que cuidava para que todas as suas vontades fossem realizadas. Diante desses argumentos, Yerma revolta-se e reage:

(...) As mulheres em suas casas.  
Quando as casas não são tumbas.  
Quando as cadeiras se quebram e os lençóis de linho se gastam com o uso.  
Mas aqui não. Todas as noites, quando me deito, encontro a cama ainda mais nova, mais reluzente, como se acabasse de chegar da cidade. (p. 51)

Verifica-se aqui uma insinuação da falta de sexualidade e ligação erótica com o marido. As opiniões expressas por João demonstram desprezo pelos sentimentos da esposa e contribuem, para que ela se sinta ainda mais infeliz no casamento, já que, quando não se dá ao parceiro a atenção que ele necessita em determinados momentos, ignorando suas queixas ou tratando-o com indiferença, surgem as insatisfações. De acordo com John A. Sanford:

Provavelmente a mulher se sentirá rejeitada e rebaixada pela generalização devastadora do homem, que parece deixar completamente de lado não só ela como ainda os seus sentimentos (...). O homem que deseja relacionar-se precisa aprender a moderar seus



juízos masculinos temperando-os com o eros, que sempre torna as coisas pessoais e individuais. (SANFORD, 1986, p.62-63).

Simone de Beauvoir é incisiva ao tratar dessa questão:

(...) Desde as civilizações primitivas até nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um “serviço” que o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade (...) (BEAUVOIR, 1949, p.126)

A fidelidade de Yerma era paga com sua anulação e infelicidade. Ela se reveste de um comportamento que implica na sujeição ao masculino, e, por não se sentir realizada como mulher ela se submete também a anulação de seus prazeres, para que assim possa manter-se moralmente intacta em função do matrimônio.

Ela sabia que tentar libertar-se, significaria expor-se e preparar-se para ser atingida cruelmente em sua dignidade, já que a sociedade patriarcal destinou a mulher à castidade. O ato carnal só pode ser consumado pelo código do sacramento, caso contrário, conforme acentua Beauvoir: “(...) é falta, queda, derrota,

fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra.” (BEAUVOIR, 1949, p.126). Foucault complementa:

(...) pode-se também ter como essencial de fidelidade o domínio dos desejos, o combate obstinado que se tem contra eles, a força com a qual se resistir às tentações: o que constitui, então, o conteúdo da fidelidade é essa vigilância e essa luta; os movimentos contraditórios da alma, muito mais que os próprios atos em sua efetivação, é que serão, nessas condições, a matéria da prática moral. (BEAUVOIR, 1984, p.27)

É claro que a liberdade e eroticidade feminina não poderiam ser aceitas, principalmente neste contexto, pois, implicam em ameaça ao homem, conforme citam Jennifer e Roger Woolger em *A Deusa Interior*: “Significa que o patriarcado não pode pretender controlar a natureza essencialmente expansiva da energia feminina”. (WOOLGER & WOOLGER, 1989, p.132)

Embora essa mulher tentasse encerrar a sexualidade dentro de seu corpo impossibilitando suas manifestações, elas existem e teimam em torturá-la, sendo tão fortes que a levam a desrespeitar as ordens de clausura às quais estava submetida.

Sensações torturantes invadiam-lhe fazendo-a arder de desejo e insatisfação em uma relação que a esmagava.

Na verdade, seu corpo se fez carne, e esta obra o atributo do amor e exige a gratificação do sexo. Esse ardor que ela sente só pode ser abrandado por outro ardor que o amenize.

Mas, Yerma jamais aceitará essas sensações e as justifica exclusivamente como resultantes da não realização de seu desejo obsessivo de ser mãe: “Vou ter um filho porque tenho de ter. Ou não entendo mais o mundo. Às vezes, quando estou certa de que nunca, nunca... sobe uma onda de fogo pelos pés e todas as coisas ficam vazias (...)” (2000, p.68).

Por isso, na tentativa de amenizar sua prisão física, ela sai escondida às ruas, durante a noite, busca a umidade e o frio noturnos para acalmar as chamas que a inflamam, quer andar descalça para sentir o contato da água dos rios, da terra com seus pés, com seu corpo, com sua alma.

A água tem aparição decisiva nesse contexto de desejo e obsessão da personagem. Esse elemento confirma seu desejo reprimido. É água que a acompanha em suas falas, nas músicas que entoa quando chora e sofre pela ausência o filho desejado. É água que ela clama nas noites em que queima de desejo e angústia diante sua vida tão escassa de amor. Yerma

busca pela água noturna fria e gelada, capaz de apaziguar momentaneamente o ardor do fogo que a consome internamente. Chevalier & Gheerbrant acerca dessa substância afirmam:

A água gelada, o gelo, exprime a estagnação no seu mais alto grau, a ausência de calor na alma, a ausência de sentimento vivificante (...). (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2000, p.21)

O contato com essa umidade noturna faz Yerma sentir-se envolvida e umedecida. São sensações de extrema importância para essa mulher que ao negar sua feminilidade, torna-se cada vez mais seca, árida, e estéril de vida, pois conforme coloca Gaston Bachelard:

(...) a água é uma substância que envolve, protege e penetra intimamente. E mais: (...) Enfim, temos uma prova de sua grande doçura no fato de todos os corpos acres perderem a acridez, que os tornam tão nocivos ao corpo humano, (...) A impressão de doçura que podem receber uma garganta sedenta, uma língua seca. (BACHELARD, 1997, p.163)

E assim a personagem luta para que essas sensações sejam estagnadas, mas da mesma forma que a água quando presa,

elas tornar-se-ão com o passar do tempo, contaminadas e impróprias à vida e ao se libertarem inundarão e levarão adiante tudo o que encontrarem. Enfim, são potências destruidoras.

Aspecto relevante é a relação desse elemento com a fecundação e a sensualidade, pois no momento em que uma das personagens, a Velha, conta à Yerma como se entregava ao marido, a água assume seu aspecto fecundante e sensual: (...) deitei-me de bruços e comecei a cantar. Os filhos chegam como a água (...) é preciso que os homens agradem. Não de desfazer- nos as tranças e dar-nos de beber água em sua boca (...) ”(p. 26-27). Nessa última fala da Velha, a boca surge como recipiente dessa água sensual e generosa. A esse respeito, Bachelard novamente contribui:

(...) nenhum dos valores que se ligam à boca é recalçado. A boca e os lábios – eis o terreno da primeira felicidade positiva e precisa, o terreno da sensualidade permitida (...). (BACHELARD, 1997, p.122)

Yerma intui essa sensualidade diante da atração que sente veladamente por Vítor, ao referir-se à voz dele: “E que voz tão poderosa! Parece um jorro de água que te enche toda a boca!” (p.33)

Nesse drama sedento de vida, a água derrama generosamente sua simbologia feminina e materna, contrapondo-se e evidenciando o caráter de uma mulher Yerma: seca, murcha de amor e de filhos.

Seca, estéril, mas envolta em um meio fértil, um campo fecundo no qual os alimentos são fartos e a vida manifesta-se em toda sua potencialidade, ela se sente humilhada, cuja fartura representa a seus olhos uma afronta, pois destaca ainda mais sua infertilidade. Ela sonha, deseja, busca e angustia-se por nunca engravidar:

Estou farta de ter essas mãos e não poder usá-las no que quero. Pois estou ofendida, humilhada ao extremo, vendo que os trigos despontam, que as fontes não cessam de manar água em abundância, e que as ovelhas parem centenas de cordeiros e as cadelas, e que parece que todo campo erguido me mostra suas crias tenras, adormecidas, enquanto eu sinto golpes de martelo aqui, no lugar da boca de meu filho. (p.57)

A alma de Yerma constantemente torturada; vive o vazio e a insatisfação resultantes da negação de suas pulsões vitais; e concentra toda sua força no desejo da maternidade. Ao querer um filho, fruto

de seu ventre, que dê sentido a sua vida. Esse filho assume uma função que ultrapassa o desejo, torna-se um objeto obsessivo:

Eu não penso no amanhã; só penso no agora (...). Eu tenho sede e não tenho liberdade. Quero meu filho nos braços para dormir tranqüila, e ouve bem, não se espante com o que digo: mesmo que soubesse que meu filho um dia iria me martirizar, que me odiaria ou me arrastaria na rua pelos cabelos, com gozo receberia seu nascimento, porque é muito melhor chorar por um homem vivo que nos apunhala que chorar por este fantasma, ano após ano, sentado sobre meu coração. (p.69)

Esses sentimentos que lhe perturbam não estão ligados apenas ao desejo da maternidade, mas a uma insatisfação crescente que se apossa dela e exige a libertação dos desejos e pulsões eróticas que a habitam. Porém, ao invés de aceitá-los como forças vitais e entregar-se ao esposo na busca do prazer, a fim de libertar sua sexualidade insatisfeita, ela opta pelo contrário: reprime e nega sua energia primordial e luta contra si mesma.

A resignação de Yerma diante à castração erótica do feminino, e em contrapartida, a ânsia desmedida por um filho, são comportamentos que podem ser

explicados como processos psicológicos denominados mecanismos de substituição. É possível observar que ela intenciona substituir um desejo pelo outro, quando recalca sua sexualidade e sublima a maternidade, talvez numa necessidade de encontrar compensações no casamento que a sufocava.

É provável que ela esteja recorrendo a um mecanismo que a psicanálise denomina de *sublimação*, e que consiste segundo o Dr. Alberto Tallaferro:

Em um processo pelo qual um instinto abandona seu objetivo original, uma vez que, pelo princípio de realidade, a satisfação poderia originar um desprazer (castigo). Desse modo, o instinto elege um novo fim que concilie com as exigências aceitas pela sociedade (...). (TALLAFERRO, 2004, p.86).

Essas substituições feitas por Yerma são sem dúvida mecanismos de defesa que visam dominar fortes cargas instintivas, suas pulsões eróticas, que podem, e ao final, isso será confirmado, desequilibrar a estabilidade que ela precisa manter em seu casamento. Tallaferro continua:

Os motivos que regem no ego a escolha de um tipo de mecanismo, ainda não são muito conhecidos, mas, no campo da teoria, pode-se dizer que

essa instância psíquica recorre à repressão quando necessita combater, sobretudo, os desejos sexuais. (TALLAFERRO, 2004, p.78)

Esse combate interno que força o abandono de um instinto exige a compensação de outro. É o que se confirma em Yerma, já que sua trajetória é repleta de lutas contra seu instinto sexual, e de busca por outro, o instinto materno. Malvine Zalcberg esclarece:

É verdade que a mulher espera muitas vezes confortar sua feminilidade na maternidade. Ela pode até crer que o que lhe foi recusado como mulher poderia lhe ser compensado enquanto mãe. Não há sem dúvida tentação mais insidiosa nem ilusão mais difundida que a de esperar na maternidade essa plenitude absoluta. (ZALCBERG, 2007, p.68)

Compreendendo que sexualidade é pulsão de vida e energia vital do ser humano, percebe-se que Yerma incorre numa falha culposa, uma *hamartia*, que consiste segundo a crença grega, numa falta irreconciliável, como o desprezo da própria carne, uma matéria de origem sagrada. De acordo com J. Brandão: “(...) uma violência contra *Eros*, contra o amor-objeto e contra o envolvimento erótico com o outro.” (1987, p.180). A psique de

Yerma encontra-se desequilibrada porque está dissociada do princípio da feminilidade

A heroína determinou sua própria tragédia, ela foi responsável direta pelo seu *factum*. Baseando-se naquilo que Mary Esther Harding expõe sobre as funções e o lugar do feminino sob o ponto de vista do patriarcado, pode-se depreender que o desenlace trágico de Yerma é compreensível, pois, segundo a autora:

No procedimento convencional do passado a mulher tinha adaptação de esposa e mãe (...). O sucesso ou derrota de toda sua vida poderia mesmo ser medido somente por esses objetivos. (HARDING, 1985, p.33).

Portanto, não havia justificativas para a continuidade de sua vida, porque além de não ter se adaptado como mulher, foi lhe negada a possibilidade de ser mãe.

Sua falha consistiu em acreditar que poderia lutar contra as forças que habitam a natureza feminina. Ela negou entregar-se e participar voluntariamente do poder de *Eros*, que quando desprezado consiste em uma energia perpetuamente insatisfeita em busca agonizante de plenitude.

Yerma foi arrastada por uma energia que ousou rejeitar, suas pulsões recalcadas, a carga instintiva reprimida, a violência que provocou a si mesma, enfim, todas essas forças

represadas vieram à tona violentamente e, aliadas à constatação de sua esterilidade física e psicológica, ao saber que o marido era estéril, possuíram-na de forma abrasadora e assim, foi dominada por princípios controladores que a dilaceraram.

O assassinato do marido com as próprias mãos pode ser explicado a partir de René Girard, quando este, defende que a violência só pode ser aplacada através de um sacrifício, para ele:

A função do sacrifício seria, assim apaziguar a violência e impedir a explosão de conflitos decorrentes de rivalidades cada vez mais crescentes. (GIRARD, 1990, p.9).

Partindo desse ponto de vista, a violência que Yerma se impôs só pôde ser apaziguada com a morte de João, porque ao sacrificá-lo ela se liberta da obsessão de um desejo que jamais seria realizado. Essa heroína paga o preço cobrado por sua *hamartia*, com sangue, loucura e aniquilamento de sua própria vida.

Como flor aberta à espera da fertilidade não consumada, Yerma murcha, seca e fenece.

Assim, após a observação das trajetórias, comportamentos, escolhas e desfechos dessas heroínas, constata-se que, embora elas sejam marcadas por características comuns e passíveis à

condução do trágico, são as suas diferenças que as conduzem à apoteose verificada em Psiqué, em oposição à queda de Yerma.

Porque, enquanto Psiqué desperta para o *Amor* e para a feminilidade, Yerma mesmo insatisfeita com o casamento, se sujeita ao domínio do masculino, não busca transformações e jamais se aceita como mulher, além de consentir que a única função do contato entre masculino e feminino, é a fecundação.

Sabe-se que inicialmente Psiqué e Yerma se encontram em espaços com características comuns, já que estão marcadas pela clausura, violação e sujeição ao masculino. Suas núpcias se configuram inicialmente em raptos que as violentam.

Já que, quando uma jovem é retirada de seu lar, sua primeira casa e de sua família de origem, é cortado o laço estreito e íntimo com sua mãe que lhe conferia conforto e proteção, é seqüestrada e inserida num espaço fechado, limitado, resguardada para zelar do equilíbrio da casa e da família. Nesse local ela será possuída. Uma posse não apenas de seu corpo, mas que abrange sua existência, sua vida. Vernant traz contribuições sobre a relação estabelecida entre a mulher e o espaço doméstico:

O espaço doméstico, espaço fechado, com um teto (protegido), tem, para os

gregos, uma conotação feminina. O espaço de fora, do exterior, tem conotação masculina. A mulher está em casa em seu domínio. Aí é o seu lugar; em princípio ela não deve sair. O homem, pelo contrário, representa, no *oikos*, o elemento centrífugo: cabe-lhe deixar o recinto tranquilizador do lar para defrontar-se com os cansaços, os perigos, os imprevistos do exterior (VERNANT, 1990, p.197-198).

A mulher passa a viver exclusivamente para o outro e sua função agora é cuidar do conforto do homem, e reproduzir, essas são as leis do patriarcado. Os matrimônios tanto de Psiqué quanto de Yerma configuram-se conforme o enfoque exposto. Ambas as personagens foram desligadas de suas famílias abruptamente, seus casamentos assinalam o autoritarismo do patriarcado, a violação, a proibição e a posse do macho pela fêmea. Neumann esclarece:

Do ponto de vista do mundo matriarcal, todo casamento é um rapto da Core, a flor virginal, consumada por Hades, o lado simbólico masculino, terreno do macho hostil e violador. Todo casamento é então, sob esse aspecto, “uma exposição no cume de um monte em total solidão é uma espera pelo monstro masculino a quem é entregue a noiva”, O velar-se da noiva é sempre o velar, o encobrir do

mistério, e o casamento, como as núpcias da morte, é um arquétipo central dos mistérios femininos. (NEUMANN, 1971, p.53)

Ao observar as circunstâncias comuns que aproximam essas mulheres, comprova-se que são suas posturas diante a isso, que determinarão seus destinos.

Assim, quando Psiqué rende-se à Afrodite, e esta, por representar o princípio vital da feminilidade, entende-se que a heroína reconhece sua necessária preparação para a individuação no universo feminino e o respeito aos valores do mundo matriarcal. Assumir as tarefas que a *Deusa do Amor* lhe impõe, simboliza o preparo da consciência feminina.

Um preparo que requer atenção, e, sobretudo, entrega, para que a mulher possa ser inserida na vida adulta, como semente que germina em terra fértil. Essas provas representam os requisitos necessários para a germinação das sementes que darão origem a uma mulher plena e segura de suas funções. A divindade inicia-lhe na passagem da menina à mulher, assim, ela é iniciada pelo feminino e no feminino.

Psiqué é essencialmente feminina e evolui de menina à mulher com uma postura, mesmo às vezes cambaleante, quando a cada nova tarefa imposta por Afrodite, ela deseja a morte, no entanto,

acaba aceitando com humildade e obediência as ajudas que lhe são oferecidas. Assim progride para o encontro individual consigo mesma, ela evolui na cadeia da feminilidade plena, segura e consciente. Uma segurança que pode ser comprovada em aspectos sutis da narração: Psiqué já sabe até mesmo como dar ordens ao *Vento*.

Saber dar ordens ao *Vento* é algo significativo para uma simples menina que acabara de chegar àquele lugar desconhecido. Isso nos permite inferir que ela é dotada de certa inteligência emocional, uma forma especial de conduzir o outro, essa mulher já sabe até onde pode chegar e já se comporta como se fosse uma deusa. Ao passo que Yerma faz uma trajetória oposta.

Yerma não se vale desses atributos de Psiqué, até porque nos parece que ela não os valoriza como domínios primordiais da mulher, que só podem ser manifestos se forem ativados, para isso o ponto de partida é: admiti-los e depois aceitá-los.

Enquanto Psiqué entrega-se plenamente à possessão de Eros, Yerma o rejeita violentamente. Por isso, ela falha, incorre numa *hibris* (uma desmedida) quando despreza e renuncia a uma ordem de seu corpo, um princípio, uma dádiva divina, não só em relação a Vítor, mas

também a forma como deve dar-se ao marido.

Ambas escravizam-se em função de seus desejos e são ousadas no intuito de os atingirem. Psiqué para o reencontro com o amante, e Yerma no desejo de ser mãe, ou seja, mulheres extremamente passionais, mesmo na busca por objetos diferentes.

Quanto aos contextos religiosos em que elas se encontram, essas mulheres se opõem, pois se sabe que para os gregos o que constitui em séria ofensa aos deuses é rejeitar os prazeres da carne, pois esta é uma dádiva divina. Significa negligenciar à Afrodite, é voltar-se contra o *Sagrado* e incorrer numa falha trágica, num pecado mortal que será severamente punido. Dessa forma, Psiqué tem ao seu lado o respaldo necessário para a efetivação de seus desejos em relação a Eros, seu meio físico e religioso concedem-lhe apoio e proteção para lutar pela sua realização feminina. Foucault acentua esses contextos:

O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antigüidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferentemente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o



princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. (FOUCAULT, 1984, p.17).

Diferentemente do que ocorre com Yerma, Psiqué vale-se do homem em seu benefício. É antes de tudo uma mulher cujo *animus* é desperto em função de suas necessidades de individuação. Contrariando essa conduta, Yerma, além de não saber como beneficiar-se do masculino, ainda, o reproduz, incorporando-o como sua parte integrante.

No que diz respeito à relação que Psiqué e Yerma estabelecem com Afrodite, ambas a ofendem profundamente.

Afrodite, a deusa numinosa, venerada entre todos os mortais e imortais da Grécia Antiga. Detentora do *Amor* e da beleza, *Amor* em duplo aspecto, diga-se de passagem, já que Eros era seu filho. Enfim, desígnios poderosíssimos capazes de desencadear, se mal utilizados, desgraças inimagináveis, Tróia testemunhou isso até o tombar de sua última muralha...

Psiqué incorre em uma *harmatia*, dupla, pois além de ter sido confundida com uma *Nova Afrodite*, tirou-lhe o filho, Eros, seu mais valioso rebento. Dessa forma, a condenação e os percalços cruéis impostos à jovem, eram sem dúvida, inevitáveis. O que diferencia Psiqué de Yerma, é a maneira na qual aquela aceita

sua condenação, enfrenta-a e busca sua ascensão feminina ao lado do esposo divino.

Yerma afronta a *Grande Mãe* quando se nega como mulher em relação aos seus desejos e pulsões eróticas, tenta compensar suas insatisfações femininas na maternidade, e esta, como nunca se concretizou, tornou-se uma obsessão que aniquilou essa mulher. A compulsão por um filho ocupa o lugar que deveria pertencer à individuação do feminino que reside nela, e seu destino trágico é a esterilidade eterna. Porque, só a partir da consciência de que a *Deusa do Amor* é a representação da natureza feminina sob seu aspecto mais profundo, toda mulher teria:

(...) consciência da sua relação com divindade, ou seja, com o feminino que pulsa dentro de cada uma, quanto à sexualidade, esta nunca deve ser separada da espiritualidade, já que não é puramente um contato físico entre dois corpos que se entrelaçam com um fim comum, no qual para a maioria é uma satisfação puramente carnal. (QUALLS – COLBERTT, 1990:82)

A liberdade que essas mulheres conquistam ao final de suas trajetórias possui significados bem distintos, já que, Psiqué após passar por todas as provações a que foi submetida por

Afrodite, consegue ao final com todo seu sofrimento e dor, vivenciar a felicidade ao lado do esposo.

O amor que Eros e Psiqué contemplam ao final de seus dramas, só foi possível de se realizar devido à característica fundamental que o constitui sua (*enérgueia*). Consoante J. Brandão trata-se de: “(uma força em ação). Pode se conceituar como um *mana*, uma energia, uma força impessoal” (1987, p.61), ou seja, um sentimento que se manifesta por uma energia fundamental à vida, uma pulsão natural e necessária, presente em Psiqué e violentamente rejeitada por Yerma.

### **Conclusão:**

Psiqué e Yerma são personagens que confirmam seu sexo através de suas ousadias, contrárias claro, porque Psiqué ousa para alcançar sua plenitude no *Amor* visando sua satisfação, enfrenta seu destino e paga o preço exigido para a realização de sua feminilidade. E Yerma, contrariando a ação de Psiqué, demonstra sua ousadia quando se reveste de uma força que a regride e anula sua feminilidade, no desejo doentio por um filho, e quando se descobre estéril de corpo e alma, a transgressão ao masculino se efetiva. Ela volta-se contra o esposo e o mata.

Enfim, são heroínas dotadas de forças que se ativaram e se materializaram de formas opostas, justificando o *factum* de ascensão e queda dessas mulheres.

Após os estudos realizados, observamos a necessidade de pesquisas que continuem a privilegiar essa linha de estudo, dada sua riqueza e as infinitas possibilidades que os elementos do feminino observados no trágico, e no mito nos sugerem.

A grande descoberta com a qual fomos contemplados é a constatação de que essa será possivelmente a linha norteadora futura de novas pesquisas e de uma formação acadêmica mais engajada com a temática trabalhada, já que, esse trabalho resultou em satisfação acadêmica e pessoal.

A oportunidade de iniciarmos uma investigação dos elementos do feminino dentro do mito grego e da dramaturgia poética de Garcia Lorca é imprescindível para a comprovação da complexidade que envolve o universo de uma feminilidade tão banalizado em nossa atualidade, pois, as personagens “Psiqué” e “Yerma” passaram a nos representar durante esse estudo, a simbolização de arquétipos de uma feminilidade fértil, constante, atual e acima de tudo, carente de um olhar mais detido e minucioso.

### **Agradecimentos:**

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Irley Machado, pela compreensão, ensinamentos e constante ajuda.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais), pela credibilidade e apoio financeiro durante a realização desta pesquisa.

A todos, que aos seus modos, contribuíram com auxílio indispensável para a realização dessa pesquisa.

### **Bibliografia**

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**/Tradução: Antônio de Pádua Danesi – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. 2<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEAUVOIR, Simone. **Le deuxième sexe**/ Tradução: Sérgio Miliet - São Paulo: Copyright, Círculo do livro, 1949.

BOECHAT, Walter (org.); BRAGA, Humberto; ULSON, Glauco; CARDOSO, Heloísa; BOECHAT, Paula Pantoja; SALLES, Carlos Alberto Corrêa. **Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Helena – O Eterno Feminino** – Petrópolis: Vozes, 1989.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega** – volume II – Petrópolis: Vozes, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário Mítico-Etmológico da Mitologia Grega-vol. I**. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**/ Tradução: Vera da Costa e Silva – 20<sup>a</sup> Ed. – Rio de Janeiro: José Olímpio, 2006.

ÉSQUILO. **Oréstia: Agamênon, Coéforas, Eumênides**/ Tradução do grego: Mário da Gama Kury – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FOUCAULT, Michel. **história da sexualidade – a vontade de saber**/ Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – 18<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **história da sexualidade – o uso dos prazeres**/ Trad: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque – 12<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. São Paulo, UNESP, 1990.

HARDING, M.Esther. **Os mistérios da mulher** - São Paulo: Paulus, 1985.

LEWINSOHN, Richard. **História da vida sexual** – Rio de Janeiro: Casa Editôra Vecchi Ltda.

LORCA, Federico Garcia. – **Yerma** – São Paulo: Imprensa Oficial do estado, 2000.

MACHADO, Irley. **O erotismo na dramaturgia poética de García Lorca** in Revista do Sell – Simpósio de Estudos Lingüísticos e Literários. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba: 2008. ISSN 1983-3873.

MONICK, Eugene. **Falo: A Sagrada Imagem do Masculino**/ Trad.Jane Maria Corrêa – São Paulo, Edições Paulinas, 1993.

NEUMANN, Erich. **Amor e Psiqué** – Uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina – São Paulo: Cultrix, 1971.

QUALLS-CORBETT, Nancy. **A Prostituta Sagrada** – A face Eterna do Feminino – São Paulo: Paulus, 1990.

SANFORD, John A. **Os Parceiros Invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós** – São Paulo: Paulinas, 1986.

WOOLGER, Jennifer e Roger Woolger. **A deusa interior**. São Paulo. Ed. Cultrix, 1989.

TALLAFERRO, Alberto – **Curso básico de psicanálise** – 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VERNANT, Jean-Pierre. **Héstia – Hermes**. Sobre a expressão religiosa do espaço e do movimento entre os gregos. In: Mitos e pensamento entre os gregos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 2ª ed.

ZALCBERG, Malvine – **Amor paixão feminina** – Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.